



2018/02/01

De vez... Que defesa e meios para o País? A sério, dentro do possível, assim assim, ou faz de conta? Ou andamos à roda?

João Bargão dos Santos¹

Não obstante a inevitável reconversão sobretudo de efectivos, que de algum modo teve que ser feita às nossas FFAA após o fim da guerra em África, por mais inacreditável que pareça pouco mais foi feito, passados mais de quarenta anos. (a espingarda G-3, a mentalidade, a instrução, o treino e os métodos).

Tudo mais agravado pela nossa reconhecida impreparação para nos adaptarmos às novas ameaças combinando instrução e treino com forças afins, para combate à barbárie terrorista transnacional e a nível interno, a nossa incapacidade em fazer frente de forma organizada à calamidade, sobretudo aos denominados incêndios florestais (agora rurais), a que não é alheia a desejada colaboração activa da Força Aérea.



Ainda que com alguma regularidade o nosso reconhecido "colégio de sábios e entendidos" permite-se fazer alguns ajustes ao "Conceito Estratégico de Defesa Nacional" e por inerência ao "Conceito Estratégico Militar" e o que parece ser verdade é que tudo não tem deixado de ser um compromisso de teóricos académicos, num claro pró-forma, sem qualquer explicação ou relação com o País concreto.

Daí que grande parte dos portugueses consiga já hoje dizer e sem grande vergonha, que temos quase tantos Generais e Coronéis como Soldados. De facto, e a verdade é que o País ainda não percebeu para que realmente servem verdadeiramente as suas FFAA, para além daquela histórica "defesa do solo pátrio", da tal "Pátria salaio" e da tal "soberania nacional".

Daí que também não seja de desprezar algumas "más línguas" referir que no fundo, querem é "andar lá fora" a ganhar bom dinheiro. Não sendo naturalmente esta a realidade, há muito que esclarecer e aperfeiçoar nas FFAA e nas suas ligações Institucionais em Defesa do País.

Daí que mantemos dúvidas (e que tem que ver com a Defesa) sobre a coordenação dos diferentes serviços de informações, da sua Unidade Coordenadora, das vantagens sobre uma eventual "Polícia Única", sobre a profissionalização inevitável do Corpo de Bombeiros, etc.

Por outro lado, não se entende a teimosia em não articular o denominado Apoio Sanitário entre as próprias FFAA com o SNS, para além da necessidade da criação de uma Unidade de paramédicos para o INEM e se despreze a vantagem em dispor de uma "Unidade de Trauma e Queimados" a sério, para vítimas de acidentes de viação, do trabalho ou da catástrofe, com a colaboração das FFAA para sua própria instrução e treino, em contexto de "Cirurgia de Guerra".

¹ O autor não segue o Acordo Ortográfico.

Não obstante as certezas do actual governo para “nem pensar sobre um eventual regresso do SMO”, há, no entanto, convicções profundas sobre a OTAN e sobre o encapotado Exército Comum Europeu.

Mas há quem teime no fecho do Batalhão de Comandos, até à reflexão expressa hoje pelo próprio MDN sobre a actuação predominante das FFAA em calamidades, etc., a que adicionamos (nós) a preocupação sobre a gestão dos meios e combate aos incêndios por parte da Força Aérea.

Nos termos expostos importa admitir com alguma brevidade e sentido de responsabilidade vir a reflectir sobre a realização de um vasto “Congresso Nacional” a que não poderá ficar alheio o PR, como Comandante Supremo das FFAA , para uma extensa e aprofundada análise sobre as nossas FFAA e sua real missão, com a participação mais alargada possível de Instituições e cidadãos.